



ENSINO REMOTO EM TEMPOS DE PANDEMIA: O PERFIL E AS DEMANDAS EDUCACIONAIS E SOCIAIS DOS PROFESSORES

Mariane Cristina Mendes ¹
Silmara Sartoreto de Oliveira ²

RESUMO

O momento de isolamento social, trouxe um dos maiores desafios enfrentados pela sociedade mundial, que modificou o sistema educacional atual impossibilitando a realização das aulas presenciais. Neste contexto, os professores estão buscando novas metodologias e alternativas para que o ensino de continuidade, muitas vezes reinventando e ressignificando suas práticas frente às novas demandas tecnológicas. Mediante a este cenário, este trabalho objetivou realizar o levantamento do perfil profissional e social dos profissionais atuantes no ensino remoto durante o período de intensificação do isolamento social causado pela pandemia, bem como identificar quais as ferramentas digitais mais utilizadas, a fim de compreender os principais desafios metodológicos na construção de propostas educacionais efetivas e acessíveis a todos. Assim foi elaborado um formulário on line, composto de questões abertas e fechadas, e enviados de forma eletrônica (mídias sociais) à professores que atuam na educação básica e ensino superior que fazem parte de egressos da Universidade Estadual de Londrina e rede pública e privada de ensino. Foram enviados à cerca de 300 professores, que relataram vivenciar um momento de sobrecarga e acúmulo de vínculos empregatícios, reduzindo o tempo para o preparo pedagógico das suas atividades docentes. Os dados apontaram que havia pouca utilização de plataformas educacionais antes da pandemia, e com o isolamento social que estamos vivenciando, houve um aumento de 85% na utilização de ferramentas digitais no ensino. Novas propostas de ensino se mostram avivar a prática docente a fim de auxiliar os docentes frente aos novos desafios da educação.

Palavras-chave: Ensino Remoto; Pandemia; Tecnologias Educacionais.

INTRODUÇÃO

Atualmente a utilização da internet, como meio de comunicação para interagir e disseminar conhecimento, tem deixado de ser uma das ferramentas utilizadas no processo de ensino de forma remota, para se tornar uma necessidade social. Entretanto, a adoção dessas ferramentas pelos professores ultrapassa a falta de interesse do mesmo, que não concebe os benefícios e/ou procedimentos tecnológicos seja por falta de

¹ Pós-graduanda do Curso de Ensino de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Paraná - UEL, mariane.cristina@uel.br

² Profa. Associada do Curso de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Biológicas, Área de Metodologia e Prática de Ensino, Dep. Biologia Geral, Centro de Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Londrina – UEL, silmara.sartoreto@uel.br



conhecimento sobre essas ferramentas, como também pela precariedade da infraestrutura que algumas escolas.

O desinteresse é um dos relatos mais comuns por parte dos professores, e os alunos, por sua vez, ressalvam aulas rotineiras e entediantes. Sendo assim, lecionar vai além de deter o conteúdo e passa-lo adiante, as atuais demandas exigem do educador uma carga maior que o acúmulo conteudista, evidenciando a importância de dominar o conteúdo como sendo apenas um aspecto do ensino. Inserir tecnologias nas aulas não retira as reclamações antes mencionadas, pois, se forem empregados de forma tradicional não quebram os paradigmas da educação tradicional. O mais importante está na valorização dos questionamentos e das opiniões, colocando os estudando no protagonismo na busca de novos caminhos, valorizando-os e encorajando-os.

O presente trabalho empregou o uso de formulário, via Google docs, para levantar dados sobre a idade, acúmulo de vínculos empregatícios, dependentes em idade escolar e utilização de tecnologias digitais na prática docente à professores de diferentes etapas do ensino, mas, principalmente, nas disciplinas de Ciências e Biologia.

O objetivo foi entender alguns desafios dos docentes atuantes na educação remota devido ao isolamento social causado pelo novo coronavírus para que se possa propor novas atividades de ensino utilizando metodologias ativas.

A utilização de ferramentas digitais é uma crescente na prática docente e que demanda tempo e dedicação dos professores que, muitas vezes, estão sobrecarregados. Com isso, o ensino acaba sendo uma reprodução do modelo presencial tradicional se tornando desinteressante, passivo e repetitivo aos alunos.

Compreender as dificuldades dos docentes é um dos primeiros passos a se levantar para que seja possível apoiar-los com diferentes recursos pedagógicos. Construindo uma educação mais inclusiva, crítica e autônomas para os estudantes.

Há tempos se debate sobre as problemáticas enfrentadas pelo ensino tradicional: aluno passivo, aulas monótonas, sem reflexão, memorização e desinteresse são alguns dentre os desafios encontrados nesse sistema. É fato que a educação precisa de novas maneiras de ensinar e educar, e o momento atual de pandemia que se coloca como desafiador e pode se tornar revolucionário.

As aulas remotas foram, de certa forma, impostas pelo isolamento social decorrente a disseminação do coronavírus, porém, pode ser uma alternativa eficiente nessa “nova educação” dependendo dos métodos de abordagens de ensino utilizados



pelos professores, ultrapassando um cumprimento de carga horária para dar vez ao incentivo da proatividade nos estudantes. A utilização de metodologias ativas é uma das formas de entregar ao aluno a responsabilidade da sua aprendizagem, tornando-o o maior interessado nesse processo (MORÁN, 2015).

Situações problemas, seminários, debates, oficinas, filmes, leituras, interpretações musicais, utilização de aplicativos e portfólios são algumas das propostas do construtivismo, uma corrente educacional que envolve metodologias ativas para que o aluno, de acordo com as suas capacidades, construa e desenvolva seu aprendizado. Unir essa modalidade com aulas remotas é um desafio muito importante no momento atual e que pode ter resultados surpreendentes uma vez que, as novas gerações estão cada vez mais engajadas com tecnologias (PAIVA, et al., 2016).

Entretanto a construção dessas atividades demanda tempo dos docentes que muito antes da pandemia alegam tempo escasso para o planejamento pedagógico, salário baixo e acúmulo de vínculos empregatícios (BRITO, et al., 2014). Agora com a urgência dessa “nova educação” criada pela pandemia os docentes relatam um aumento ainda maior da carga horária de trabalho (HANZELMANN, et al., 2020).

Entender o perfil e as principais dificuldades enfrentadas pelos docentes é um dos passos iniciais para a construção de propostas didáticas que possam auxiliá-los no ensino remoto de modo a apoiar seu papel pedagógico, evitando a reprodução de um ensino tradicional para dar vez a uma educação construtivista, incentivando os estudantes a serem autônomos e capazes de alcançar seus objetivos nos estudos (MORÁN, 2015).

PERCURSO METODOLÓGICO

Para a construção de uma proposta didática se faz importante identificar e compreender os desafios que educadores poderão encontrar na atuação e na prática escolar.

No intuito de identificar o perfil profissional, suas potencialidades e dificuldades encontradas para o trabalho remoto em tempos de pandemia, foi aplicado um questionário, via Google formulários. Os sujeitos desta pesquisa (cerca de 300 pessoas), compreendem diferentes perfis, tais como: estudantes de pós-graduação, professores e profissionais das mais diversas áreas de atuação e formação. Este questionário foi



distribuído, em diferentes plataformas digitais (e-mail, facebook, whatsApp), com o cuidado em direcionar o encaminhamento dessas questões à professores, principalmente na área de Ciências e Biologia de acordo com o Comitê de Ética do Centro de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Londrina - UEL (nº 12592 PROPPG).

As questões, em formato quantitativo e qualitativo, buscavam compreender, primeiramente, o perfil dos sujeitos envolvidos em aulas remotas propostas em tempos de pandemia de COVID-19, com questões sobre idade, escolaridade, profissão principal e secundária, presença de dependentes em idade escolar e uso de tecnologias no trabalho antes e após a pandemia.

Após essa coleta, foram analisadas questões relacionadas à vivência, dificuldades e possíveis soluções para que atividades de ensino de forma remotas, fossem estudadas e assim permitisse identificar como podem ser planejadas, propostas e executadas em situações que fogem àquelas propostas anteriores à pandemia.

Os dados analisados de forma quantitativa, serão apresentados em forma de gráficos e o formato qualitativo, obtidos em questões abertas, com a análise dos textos elaborados pelos participantes.

O questionário foi distribuído para cerca de 300 pessoas, sendo que destas, 11% retornaram e que aqui serão apresentados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os participantes apresentam idade entre 24 e 40 anos, maioria do gênero feminino, pós-graduação concluída, atuando na educação básica, o que corrobora com os dados anunciados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacionais Anísio Teixeira (Inep, 2017), onde a maior parte dos professores têm entre 30 e 39 anos, 70% são mulheres que atuam na educação básica.

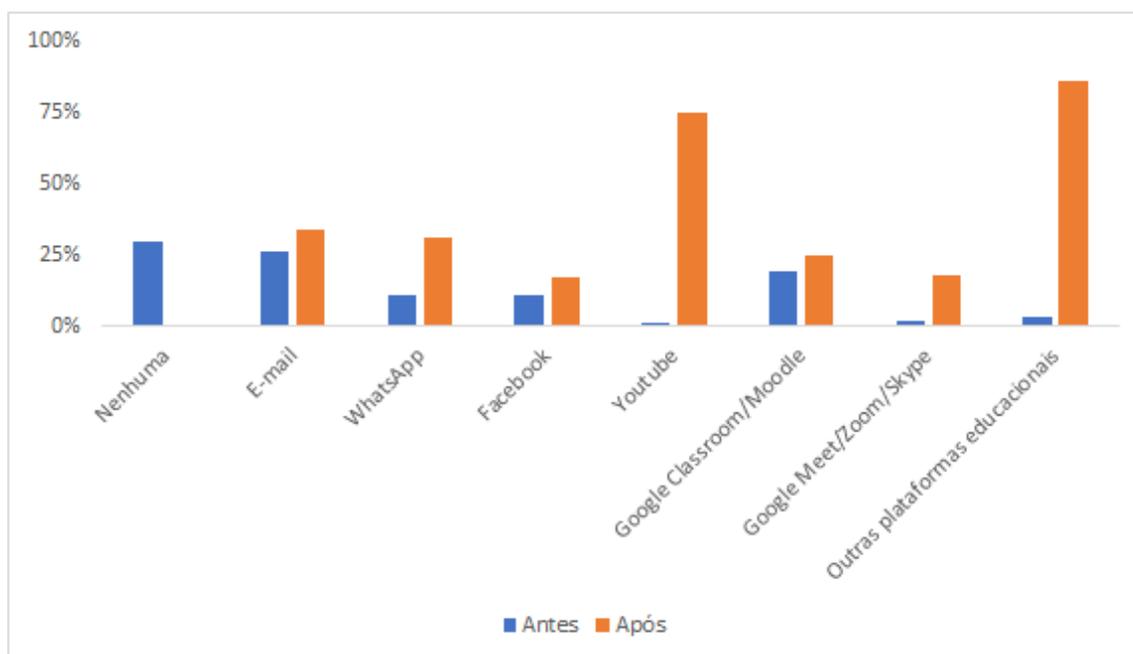
Segundo o IBGE o número de desempregados após a pandemia no Brasil cresceu mais de 31% e a taxa de trabalhadores informais também aumentou, cerca de 33% da população brasileira. Os sujeitos desta pesquisa são docentes, mas 26% relataram ter outras atividades com finalidade financeira, que vão desde artesanato, venda de alimentos, produtos de limpeza e palestrantes. O baixo salário, falta de infraestrutura na escola e pouco tempo disponível são alguns dos problemas evidenciados pelos professores na elaboração de atividades práticas, mesmo havendo



consciência de que estas aumentam a participação e o interesse dos seus alunos (RAMOS; ROSA, 2008; HANZELMANN, et al., 2020).

Um levantamento sobre a utilização de ferramentas digitais nas atividades diárias antes da pandemia mostrou que a maior parte dos docentes utilizavam o e-mail e o skype para comunicação e trabalho remoto. Houve apenas um relato do emprego da ferramenta Google Classroom e moodle na prática docente. Os que não se utilizavam desses recursos alegaram que os alunos não tinham acesso a internet e que as escolas também não. Após a pandemia o quadro mudou, e todos relataram que passaram a utilizar tecnologias digitais nos seus trabalhos como aponta o gráfico 1.

Gráfico 1 - Comparação da utilização de tecnologias digitais para o ensino remoto antes e após o emprego do isolamento social.



Fonte: Pesquisadora

É possível observar que, apesar da ferramenta de comunicação WhatsApp ser a mais utilizada pelos sujeitos desta pesquisa, houve um aumento de quase 15% da citação de ferramentas educacionais do Google, como Meet, Classroom e formulários; e cerca de 85% relataram utilizar plataformas escolares. Esses dados apontam a importância de se trabalhar a alfabetização digital entre professores e alunos nas escolas, uma vez que os mesmos não estão preparados para a utilização dessas ferramentas e não tiveram tempo hábil para repensar sua metodologia e didática no

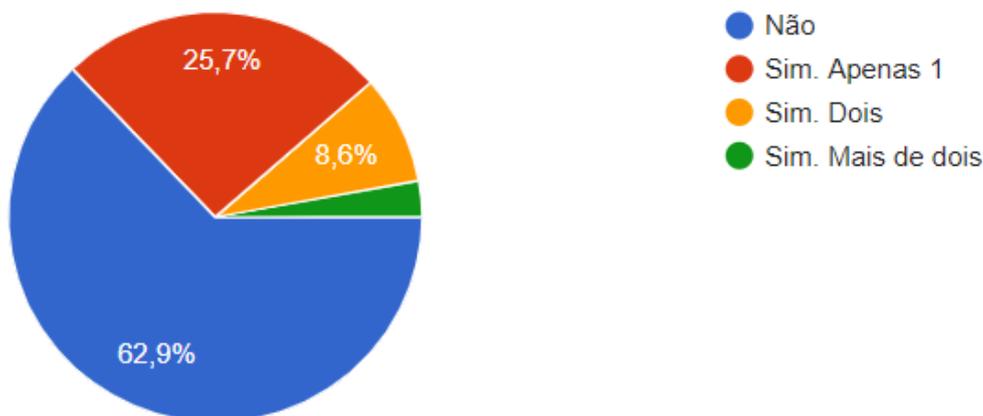


formato remoto em tempos de pandemia. A alta demanda de tempo e dedicação é um dos principais desafios para os docentes, que, muitas vezes acabam por reproduzir de aulas presenciais de forma síncrona, gerando desinteresse, desgaste e desmotivação nos processos de ensino entre os estudantes (MARQUES, 2020).

A relação entre o professor e o aluno vai além de simples troca de informações. De acordo com Moran (2015), a interação e compartilhamento de experiências se torna um momento de extrema importância para que ocorra a aprendizagem significativa.

Aproximadamente 62,7% dos sujeitos analisados, não possuem dependentes em idade escolar, gráfico 2. Dentre os que apresentam os dependentes, observa-se que a maior parte está matriculada em escolas e faculdades privadas, como mostra o gráfico 3.

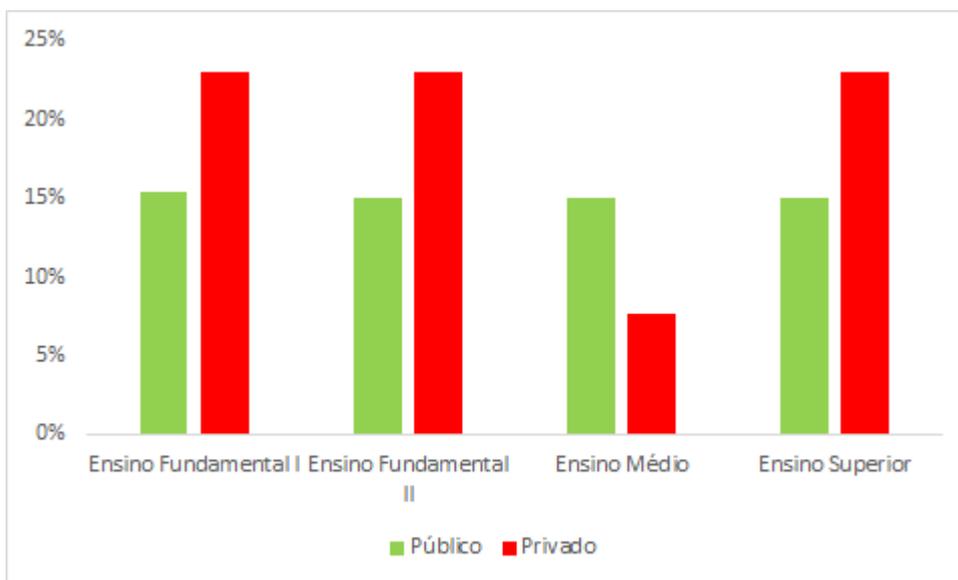
Gráfico 2 - Relação dos participantes com dependentes em idade escolar.



Fonte: Pesquisadora



Gráfico 3 - Levantamento do nível escolar dos estudantes e do tipo de escola, pública ou privada, dos participantes com dependentes em idade escolar.



Fonte: Pesquisadora.

As atividades propostas por instituições e escolas privadas, apresentam vantagens em relação às públicas, uma vez que a administração financeira para a aquisição de equipamentos digitais e o acesso à rede mundial de computadores (internet) são mais comuns nestas instituições, o que não se torna uma realidade da maioria dos estudantes brasileiros. De acordo com a pesquisa do TIC (tecnologias de informação e comunicação, 2019), 39% dos estudantes de escolas públicas não têm computador ou tablet em casa, em contrapartida às escolas particulares que é de 9%. Assumindo esse desafio, o papel do professor é propiciar aos seus alunos uma educação acessível e inclusiva, que ultrapasse as dificuldades do acesso online. É uma discussão bastante ampla em termos políticos e sociais, e requer investimento e políticas públicas no intuito de mitigar os problemas de agravamento da desigualdade e equidade na educação brasileira (MARQUES, 2020).

Nesse cenário de incertezas que a população mundial vem enfrentando por conta do vírus Sars-Cov-2, causador da doença COVID-19, atividades remotas permitem que o processo de ensino e aprendizagem aconteça em diferentes e diversos locais, priorizando a saúde de todos.

Apesar desse processo de adaptação ser desafiador, assim como Marques (2020), acredita-se que a maioria dos estudantes conseguem estabelecer uma rotina de estudos



online quando bem orientados, com os equipamentos e ferramentas adequadas e diferentes estímulos para a aprendizagem, ressaltando a importância do papel do professor na elaboração, apresentação e utilização desse modelo para o processo de ensino e aprendizagem das ciências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mudanças significativas nos processos educacionais vêm sendo discutidas há décadas, porém, o cenário atual, com a pandemia, evidenciou dificuldades, possibilidades, desigualdades e os principais problemas enfrentados pelo sistema educacional brasileiro e que precisam ser revistos.

A metodologia de ensino pautada em aulas online não se caracteriza como o maior problema da educação. O acesso às tecnologias de ensino e suas ferramentas, assim como desinteresse nas aulas remotas, por falta de conectividade ou por dificuldade de acesso, mostra-se como um dos desafios a serem enfrentados pelos profissionais da educação brasileira.

Muito professores têm apenas reproduzido as aulas ministradas de forma presencial, em gravações disponibilizadas aos alunos, o que deve ser repensado, uma vez que, as atividades organizadas de forma remotas, exige autonomia e maturidade dos estudantes. É preciso incentivá-los a buscar seu aprendizado com a orientação de seu professor, que atuará como facilitador do processo de aquisição do conhecimento e não o detentor de verdades absolutas. Para tanto, propostas de atividades que estimulem o senso crítico e a independência dos alunos ganham destaque.

Neste sentido, é preciso pensar e organizar atividades de inclusivas e acessíveis à todos, incluindo àqueles que têm pouco ou nenhuma conexão com a rede mundial de computadores (internet).

REFERÊNCIAS

BRITO, J.; BERCOT, R.; HORELLOU-LAFARGE, C.; NEVES, M. Y.; OLIVEIRA, S.; ROTENBERG, L. Saúde, gênero e reconhecimento no trabalho das professoras: convergências e diferenças no Brasil e na França. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, v. 23, n. 2, p. 589-605, 2020.



GONÇALVES, C. Brasil tem mais de 2,5 milhões de professores. **Agência Brasil**, 2018. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2018-10/brasil-tem-mais-de-25-milhoes-de-professores>>. Acesso em: 28 de agosto de 2020.

HANZELMANN, R. S.; PEREIRA, E. A. A.; VELASCO, A. R.; SILVA, A. S.; OLIVEIRA, E. B.; PASSOS, J. P. Estresse do professor do ensino fundamental: o ambiente em vivência. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 8, 2020.

MARQUES, R. A resignificação da educação e o processo de ensino e aprendizagem no contexto de pandemia da covid-19. **Boletim da conjuntura**, v. 3, n. 7, 2020.

MORÁN, J. Mudando a educação com metodologias ativas. **Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens**: v. 2, p. 15-33, 2015.

NITAHARA, A. Desemprego na pandemia continua subindo e chega a 13,7%. **Agência Brasil**, 2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-08/desemprego-na-pandemia-continua-subindo-e-chega-137>>. Acesso em: 27 de agosto de 2020.

PAIVA, M. R. F.; PARENTE, J. R. F.; BRANDÃO, I. R.; QUEIROZ, A. H. B. Metodologias ativas de ensino aprendizagem: revisão integrativa. **Sanare, sobral**: v. 15, n. 2, p. 145-153, 2016.

Quase 40% dos alunos de escolas públicas não têm computador ou tablet em casa, aponta estudo. **G1, educação**, 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/06/09/quase-40percent-dos-alunos-de-escolas-publicas-nao-tem-computador-ou-tablet-em-casa-aponta-estudo.ghtml>>. Acesso em: 28 de agosto de 2020.

RAMOS, L. B. C.; ROSA, P. R. S. O ensino de ciências: fatores intrínsecos e extrínsecos que limitam a realização de atividades experimentais pelo professor nos anos iniciais do ensino fundamental. **Investigações em Ensino de Ciências**, v. 13, p. 299-331, 2008.

SILVEIRA, D. Número de desempregados diante da pandemia teve alta de 31% em 12 semanas, aponta IBGE. **G1, economia**, 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/08/14/numero-de-desempregados-diante-da-pandemia-teve-alta-de-27percent-em-12-semanas-aponta-ibge.ghtml>>. Acesso em: 27 de agosto de 2020.